

A romantização de figuras políticas e as consequentes configurações do discurso político como entretenimento – Uma análise dos fãs-clubes de Soraya Thronicke e Simone Tebet na plataforma de rede social Twitter

Amós da Silva Bezerra Junior

Comentário: O trabalho enfoca um fenômeno que chama a atenção pela novidade e que é muito interessante. Lamento que o autor não tenha me procurado em atendimentos, pois acho que poderia contribuir, numa linha parecida com minhas observações, a seguir:

- 1) O **problema poderia ser refinado**, ajudando a escolher categoriais teóricas que se articulassem mais às análises,
- 2) Seria interessante notar que a mescla entre entretenimento e política (incluindo o universo do fandom: <https://doi.org/10.1177/1369148117701754>) é um **fenômeno internacional** – entrando um pouco na literatura em língua inglesa sobre o tema (entre outros, esse trabalho sobre o fandom da deputada dos EUA Ocasio-Cortez - <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/17545>). Apresentar esses casos poderia ser válido, inclusive para reforçar a discussão/análise posterior, de modo a destacar o que o fenômeno em foco tem de específico;
- 3) Uma discussão que o artigo sugere, tendo visto os bons dados obtidos, é em que medida o caso é exatamente um “fandom” ou o que alguns autores chamam de “fandom irônico” (alguns trabalhos que utilizam esse conceito são: <https://doi.org/10.1515/humor-2021-0007> e <http://dx.doi.org/10.1080/14755610.2016.1183694>), isto é, um fandom que pode se desviar das características específicas do objeto de culto em outra abordagem, mais lúdica, do que enfoca. Acho que a reformulação da pergunta de pesquisa em termos dessa indagação – “fandom autêntico ou não?” – daria mais qualidade e força ao trabalho. Mas daí, claro, esses conceitos deveriam ser confrontados;
- 4) **A minha hipótese (a partir do que existe no artigo) é que o que existe é um “fandom irônico”,** que é usado como uma espécie de brincadeira e diversão lésbica;
- 5) Numa linha como essa, eventuais entrevistas com algumas das participantes da conversação poderiam ser feitas, de modo a alcançar uma verificação mais clara dessa ideia. Isso encaminharia uma discussão diferente da atual: ou seja, não numa crítica à suposta banalidade da apropriação das figuras das ex-candidatas, mas como uma forma de “criatividade” de pessoas de sexualidade desviante do padrão hegemônico;
- 6) Por fim, outro ponto que merecia reflexão é se os dados não deveriam ser anonimizados. Talvez, só nomeando as pessoas que dessem autorização (a partir de contatos das eventuais entrevistas) isso se resolvesse.

Em tempo, o trabalho tem várias qualidades também, me concentrei, porém, nos pontos de possível aperfeiçoamento. **E faço também um convite para você conversar comigo (richardromancini@usp.br), para – caso deseje – reformularmos seu artigo e o submetermos a uma revista. Se quiser, então, escreva para mim.**

Nota: 8,5